

As Três Culturas da Espanha

Por Warren Kenton (Halevi)

A Espanha é um país particularmente interessante do ponto de vista das três tradições espirituais do Ocidente, ou seja: o Judaísmo, o Islamismo e o Cristianismo. Mas, em primeiro lugar, vejamos esse território antes da Idade de Ouro Espanhola.

A Península Ibérica é uma região muito montanhosa, quase separada do restante da Europa pelos Pirineus, mas muito próxima da África. Durante a Era Glacial, a península foi povoada por habitantes pré-históricos, autores de impressionantes pinturas rupestres de bisões, pessoas e diversos tipos de animais nas cavernas de Altamira. Depois deles vieram os bascos, que falavam uma língua sem qualquer relação com a raiz indo-européia. Esses dois grupos étnicos podem ter sido originários da África, passando pelo Estreito de Gibraltar, que então unia os continentes africano e europeu.

Por volta do ano 1500 A.C., vieram os celtas da Europa central, espalhando-se pela França, Bretanha e Espanha. Estes, juntamente com os bascos, passaram a ser chamados de ibéricos. Em termos culturais ainda não eram considerados uma civilização. Esse termo define o nível de uma sociedade urbana, diferente de uma comunidade agrícola ou caçadora. Por volta do ano 1000 A.C., os fenícios chegaram do Oriente Médio e estabeleceram postos de troca comercial, seguindo-se dos cartagineses, dos gregos e mais tarde dos romanos, que ocuparam e colonizaram a região. Segundo uma antiga tradição, junto com os fenícios vieram os judeus, na sua maioria prisioneiros de guerra, exilados e escravos, após a destruição do Estado Judeu, nos primeiros séculos da Era Comum. Com o passar do tempo passaram a fazer parte da população geral, vivendo e trabalhando como os demais em todos os níveis sociais.

Sob o domínio romano, a Espanha passou de uma bárbara colcha de retalhos tribal a uma província bem organizada, unificada pelas municipalidades, estradas e leis romanas. Tornou-se uma economia próspera, com um elevado nível cultural. As línguas nativas foram substituídas por um latim vulgar, que mais tarde deu lugar ao idioma espanhol. Apesar das tentativas da Igreja Católica de converter e isolar os judeus, era uma terra pacífica e próspera.

Enquanto o Império Romano perdia gradualmente a sua vitalidade e decaía, as tribos bárbaras germânicas invadiram as fronteiras estendidas pela Europa Central e dominaram o continente, aproximadamente no ano 300 D.C. Os Vândalos, seguidos de outras tribos, começaram a invasão da Ibéria e instalaram um estado vassalo na Andaluzia. Ali, os Visigodos, ou Godos Ocidentais, como eram chamados os Germanos, tornaram-se a elite governante de uma população oprimida. O atrito mútuo entre ocupantes e ocupados era agravado pela posição da Igreja Católica, que considerava herética a visão gótica do Cristianismo. Foi somente quando um dos reis se converteu ao rito latino que o seu reino foi aceito, ainda assim de forma relutante. No entanto, continuou a perseguição aos judeus.

A maneira gótica de escolha dos soberanos não era a da linha consangüínea, mas através de eleições que provocavam uma luta contínua pelo poder entre os barões. Isso criou uma situação instável, na qual a política dominava os feudos pessoais. Tal situação tornou-se crítica, quando um dos reis violentou a bela filha do seu governador no norte da África que, em represália, convidou os mouros islâmicos a empreenderem um ataque punitivo. Os muçulmanos, achando que a aristocracia gótica estava desunida, resolveram ocupar toda a península. Para tal, foram ajudados grandemente pelos judeus, que não apenas abriram os portões das cidades, mas guarneceram e administraram as zonas ocupadas, enquanto os muçulmanos prosseguiram com a sua pressão até à França. Pelo serviço prestado, os judeus receberam dos vencedores privilégios não concedidos aos seus perseguidores cristãos.

Em um determinado momento, 7% da população do Império Romano era composta de judeus. Eles detinham o direito de propriedade, possuíam terras e podiam praticar qualquer profissão, até que foram restritos pelas autoridades cristianizadas ao comércio varejista e à usura. As operações bancárias eram proibidas pela Igreja. Sob a dominação moura os judeus floresceram em relativa liberdade e constituíram uma classe média muito útil para a casta árabe reinante. Como tal fizeram mais uma vez parte integrante de uma nova civilização cosmopolita. Foi assim que a Espanha se transformou no lar de três tradições espirituais.

O impacto provocado pelo Islã foi dramático. Ele trouxe para a cultura do mundo antigo aquilo que fora absorvido pela conquista muçulmana das terras orientais e de língua grega. Muitas idéias, técnicas e objetos esquecidos ou desconhecidos pelos ocidentais foram introduzidos na Espanha. A música, a arquitetura, a astronomia, a química, a matemática e a medicina eram então estudadas onde um século antes somente predominava uma cultura bárbara. O árabe se converteu em um idioma vernáculo, enquanto o latim-espanhol ainda era falado nos lares cristãos. Contudo, muitos católicos se converteram ao Islamismo por conveniência, afim de evitar os impostos ou tirar proveito da situação, pois os cristãos estavam impedidos de chegar a altos postos em uma sociedade muçulmana, exceto como soldados.

Os judeus, ao contrário, não eram considerados como potencialmente hostis. Com efeito, muitos governantes muçulmanos preferiam conselheiros judeus em quem pudessem confiar. Isso era devido à tradição tribal de competição mortal entre clãs rivais na cultura árabe. Além do que os judeus eram neutros e poderiam ser eliminados impunemente se falhassem. A partir dessa delicada postura, surgiram muitos importantes conselheiros, doutores e mesmo generais judeus, que protegiam e desenvolviam os interesses de sua própria comunidade.

Sob o domínio mouro, a Espanha tornou-se um farol de civilização em uma Europa envolvida nas trevas. Estabeleceu-se o comércio com o Oriente Médio e a economia se desenvolveu sob a influência dos residentes muçulmanos e judeus. Floresceu uma cultura de alto nível. Isso era devido ao fato de que os governantes islâmicos desejavam que a sua corte do Califado Ocidental fosse brilhante, se não melhor do que a do Oriente, sediada em Bagdá. Tal política atraiu a busca da excelência em todos os campos, desde a

agricultura até a elite intelectual. O exemplo principal dessa diretriz foi a cidade Córdova, que se tornou a capital do país. Uma enorme população era atendida por muitos serviços, tais como banhos e iluminação públicos, uma universidade e uma grande biblioteca. Seus mercados vendiam artigos provenientes de todas as partes do mundo conhecido, enquanto suas magníficas residências, jardins e palácios eram freqüentados por uma elite ricamente cultivada. Até mesmo as classes mais pobres estavam relativamente melhor situadas em comparação com a vida árdua da maioria da Cristandade.

Além do alto nível do artesanato e das artes liberais, encontrava-se o estudo da filosofia. Ali, árabes e judeus partilhavam da mesma quase obsessão de relacionar a razão helenística às respectivas escrituras. A descoberta do método aristotélico da lógica, as contemplações de Platão e mais tarde dos pensadores pagãos, excitavam as ágeis mentes de árabes e judeus. Unificar as "duas verdades" da Razão e da Revelação, de modo a comprovar a sua veracidade mútua, tornou-se a ocupação prioritária. É desnecessário dizer que alguns religiosos mais conservadores eram hostis a qualquer análise do Alcorão ou da Bíblia, mas eles foram ignorados no princípio, até que o afastamento do conceito da fé pura chegou a um ponto crítico.

Muitos cristãos da Europa Ocidental vieram estudar na Espanha quando se informaram do tipo de atividade intelectual que ali se desenvolvia. Toledo, em particular, tornou-se um importante centro de encontro dos três credos, onde eruditos e místicos podiam discutir livremente o "Novo Ensino", como era chamado. Foi ali que começou o Renascimento do Ocidente, nos primórdios da Idade Média, quando obras antigas e contemporâneas foram traduzidas do idioma árabe, usualmente pelos judeus, para o latim e outras línguas ocidentais.

Paralelamente à interação entre os expoentes intelectuais espanhóis e estrangeiros, encontrava-se a influência mourisca sobre as atitudes e os costumes europeus. Na poesia árabe, as mulheres eram tratadas com grande gentileza e colocadas em um pedestal. O amor romântico e o comportamento cortesão realçavam uma imagem guerreira do mouro. Esse código cavalheiresco transformou-se no modelo do cavaleiro cristão ideal, através das canções dos trovadores que percorriam as cortes europeias. O jogo de xadrez e as boas maneiras à mesa, bem como o refinamento culinário e outras práticas domésticas, penetraram na Europa através da Espanha. Todavia, a exportação mais importante foi um modo completamente novo de ver o mundo, pois os europeus se tornaram conscientes de um nível mais amplo e profundo de conhecimento e percepção da realidade.

As Universidades da Andaluzia eram as melhores da Europa Ocidental, ainda na Idade das Trevas. Havia ali professores e escolas para cada matéria conhecida, desde a Teologia até a Mecânica. Entre eles, a Astronomia - que compreendia a Astrologia - havia muito desenvolvida pelos babilônios e gregos, enquanto os árabes e os judeus mapearam o céu e traçaram-lhe os ritmos, produzindo as mais exatas tabelas astronômicas da época para o rei cristão Afonso, que reconquistou Toledo e fez dela sua capital.

Afonso contava em sua corte com os mais criativos e cultos profissionais de todas as religiões. Entretanto, favorecia os mouros e judeus de tal maneira que os cortesãos cristãos, especialmente o clero, se preocupavam com a influência exercida pelos seus

conselheiros infiéis. Os judeus eram particularmente influentes, pois falavam o árabe tão bem quanto o castelhano, e podiam compreender as mentes mouriscas e espanholas. Essa inteligência era vital em uma situação de beligerância entre cristãos e muçulmanos, lutando pelo domínio da península. Os únicos que podiam transitar livremente entre os campos eram os judeus. Isso lhes deu importância como diplomatas, espiões e mercadores para ambos os lados da contenda, que necessitavam de informações acerca das operações em curso. A posição judaica de relativa neutralidade foi útil até que os mouros foram finalmente expulsos da Espanha, em fins do século XV.

Enquanto a reconquista cristã se processava durante vários séculos, as três comunidades espirituais produziram um sem número de personagens memoráveis: Um deles foi Ibn Gabirol, poeta e filósofo judeu, que introduziu o Neoplatonismo na Espanha. Outro foi o místico muçulmano Ibn Arabi, que desenvolveu as idéias e a cosmologia Sufis. Um exemplo da contribuição cristã foi o filósofo Raymond Lully, que como os dois citados anteriormente, fez um **arnálgarría** das três tradições para produzir a sua própria versão. Os três tiveram a maior influência no desenvolvimento da vida espiritual do Ocidente.

Paralelamente a esses acontecimentos, a competição entre religião e filosofia atingia um ponto crítico nos três credos, na Idade Média. Tomás de Aquino utilizou a obra do filósofo judeu-espanhol Maimônides como uma base de reconciliação entre as "duas verdades", no que foi reconhecido pela igreja latina. Com efeito, a comunidade judaica se dispersou por não possuir um papa ou um rabino-chefe como autoridade final, e a jovem "intelligentsiá" estava particularmente fascinada pela lógica grega. Declararam que a fé em si não era o bastante. Foi em algum momento do século XIII que os místicos judeus decidiram sair de sua postura isolada para buscar e eventualmente conseguir uma solução para o problema.

O único lugar onde se poderia encontrar tal solução era na Espanha, porquanto os rabinos dali possuíam conhecimentos filosóficos. Os judeus franceses e alemães eram letrados, mas não na metodologia grega. Sua abordagem era mais simbólica do que metafísica. Os judeus espanhóis estavam mais familiarizados com ambos, cabendo-lhes assim a apresentação de ^{um} argumento convincente que ninguém pudesse refutar. A principal escola a assumir aquela tarefa encontrava-se em Gerona, na Catalunha. Ela produziu um sistema racional místico, que se tornou conhecido como Kabbalah. Desde que sua formulação foi publicada, espalhou-se como fogo incontrolável através da comunidade judaica, apesar da contrariedade daqueles que acreditavam que os aspectos esotéricos deviam ser mantidos em segredo. Paralelamente a esse movimento surgiu uma grande quantidade de literatura mística. A flor de tal impulso foi o Zohar, que veio a influenciar muitos cristãos que produziram a sua própria versão da Kabbalah.

A Espanha foi o berço de um período único na história. Tornou-se a anfitriã de uma Idade de Ouro, na qual a tolerância e o intercâmbio amistoso entre as três religiões ocidentais se tornaram possíveis. Por um breve instante, Córdoba, e depois Gerona, foram as capitais espirituais da Europa. Foi na Espanha que representantes da mais inteligente e habilidosa de muitas gerações se encontraram para promover o renascimento da Europa. E foi somente quando os elementos fundamentais destas três credos tentaram devolver suas religiões a formas mais simplistas que o processo foi paralisado e então destruído. Após

1492, com a expulsão dos judeus e depois dos mouros - dois fatores vitais na vida nacional - a Espanha começou a declinar, a despeito da ilusão de grande riqueza e poder adquiridos com o ouro trazido do Novo Mundo. A interação cultural se perdeu quando a Inquisição garantiu que os judeus e mouros conversos – aqueles que ficaram e se converteram – se tornaram bons católicos. A Espanha está ^{hoje}, 500 anos depois de 1492, apenas começando a reconhecer a sua herança perdida.

Traduzido por Danilo Negócio.